

O palco é a rua: Uma etnografia visual em conjunto com artistas de sinal em Recife-PE¹

Ingrid Rodrigues Cirino UFPB/Paraíba

Palavras-Chaves: Arte de Rua; Antropologia Visual; Antropologia Urbana.

Este artigo é fruto da minha pesquisa de dissertação, onde o campo aconteceu nos anos de 2022-2023 na cidade de Recife-PE. Pesquisa essa feita com a colaboração dos artistas de rua Priscilla, Bobby e Sacy, que foram meus interlocutores principais. Os sinais escolhidos pelos artistas para as apresentações são localizados fora dos eixos turísticos da cidade. A Priscilla, mulher negra e trans, trabalha no sinal da rua real da Torre, no bairro da Torre, onde trabalha na mesma localização já fazem 4 anos, assim construindo uma rede de apoio com trabalhadores e ambulantes que estão ao seu redor. A artista também trabalha em bandas marciais e em quadrilhas. Bobby Oliveira trabalha como artista de rua e de sinal há mais de 10 anos, é um homem cis e multiartista, confecciona artesanato, desenha e tatua. Dênis, mais conhecido como Sacy, homem negro e cis, também trabalha com malabares e arte de rua há mais de 10 anos, ele também é palhaço. Tanto ele como o Bobby fazem parte do coletivo malanarquista², onde conheci eles e outros artistas de rua da cidade. Diferente de Priscilla, Bobby e Sacy não se fixam a apenas um sinal, eles circulam pelos sinais da cidade.

Além da dissertação escrita como produto final do trabalho, produzi e dirigi um filme etnográfico intitulado “O palco é a rua!” que ainda será postado nas plataformas digitais. Como ponto de partida trouxe uma colagem, feita através do Picsart e do Canva utilizando da mesinha digital que traz elementos desenhados, intervenções minhas, com o intuito de trazer falas ditas no filme e exibir pontos de atenção para os leitores. Como podem observar a imagem está fora da margem da página, isso porque se ela ficasse em tamanho menor não seria possível observar com clareza os detalhes. A imagem e a escrita são formas de se comunicar diferente uma da outra e pensando a partir de Samain (1995) aqui elas irão se complementar. A sugestão que dou na leitura é observar a imagem, ler e

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano:2024)

² Coletivo de artistas Malanarquistas que abrange malabarismo, circo e arte de rua. @familiamalnarquista.

voltar na imagem novamente sempre que pertinente, criando assim um movimento, não linear, entre texto e imagem.



Figura 1 - Colagem e intervenção através do desenho.

Aqui trouxe alguns elementos desenhados que surgiram através do campo. A Priscilla, contou que o sinal é como uma janela para ela e seu trabalho, que a coloca em visibilidade dando oportunidades de trabalho e relações. Saci e Bobby me contaram que a faixa de pedestre se transforma no palco zebrado, e esse objeto não-humano tem sua usabilidade modificada, de agente de controle de trânsito de pedestres, para um palco onde os artistas se apresentam. Os objetos de trabalho, bambolê, claves e bolinhas são chamados de brinquedos.

Todo o espaço do sinal, da rua, da faixa é transformado ganhando uma nova usabilidade, mas sem perder o foco original de controle estatal do trânsito. As experiências de corpografias urbanas (Britto; Jacques, 2008) desses artistas, modifica o que deveria ser apenas um espaço de passagem e controle e o transforma, através da ocupação subversiva, em um palco. Novas corpografias são criadas através da ocupação dos artistas a esse espaço de passagem, corpografias que marcam a experiência da cidade,

esses espaços são constantemente modificados. A arte de rua, seja com os artistas de sinal ou com pixadores, subverte espaços cinzas e dão vida a um cotidiano, a arte urbana quebra o transe da cidade, trazendo muito mais que cor e formas para o cidadão.

Arte e ciência: explorações e possibilidades

A arte sempre foi aliada das minhas pesquisas etnográficas. No trabalho de conclusão de curso³ às imagens feitas em 2019 foram fundamentais para a construção do trabalho escrito em 2021, sem elas memórias, sensações, olhares e sorrisos se perderiam no tempo. Assim como as imagens (fotografias, vídeos e rabiscos) foram fundamentais para a construção da dissertação, tudo que escrevi foi apoiado no caderno de campo, nos rabiscos, fotografias e vídeos. Mas, a discussão a ser debatida aqui é em como a arte pode ser uma estratégia em campo abrindo diversas possibilidades.

Como mostra David MacDougall em uma entrevista feita por Lilian Sagio Cezar (2007) uma câmera em campo pode despertar o interesse dos interlocutores e abrir portas, claro que esse é um fator particular de cada campo, assim como uma câmera pode despertar interesse ela pode ser intimidadora e o campo se fechar para ela. No meu caso, trabalhando com artistas desde o tcc, foi um objeto que contribuiu para o trabalho de campo, tendo em vista que as imagens feitas puderam colaborar com o trabalho dos artistas. Sempre que fazia imagens, takes, mostrava aos artistas na hora mesmo, assim abriu-se possibilidade de diálogo, de sugestões e de trocas, como os artistas queriam se mostrar? Sylvia Caiuby Novaes (2012) aponta em seu artigo como as fotografias serviram de estratégia de pesquisa, seja revelando as imagens e devolvendo ao grupo pesquisado ou com os diálogos que surgiam a partir das fotografias vistas.

Um ponto muito importante ao falar de produção imagética é a ética na pesquisa. Novaes mostra como a “sensibilidade treinada” (Novaes, 2012, pág. 17) de quem está pesquisando é muito importante para saber quando e o que se pode filmar e fotografar. Estratégias que usei o tempo todo na pesquisa com os artistas foi mostrar as imagens feitas na hora, enviar as imagens para eles depois do campo, sempre avisei que estava gravando e sempre pedia permissão para ligar a câmera. Isso cria um diálogo muito

³ <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/21726/1/TCC%20INGRID%20CIRINO.pdf>

interessante com nossos interlocutores e colaboradores, evitando a divulgação das imagens que não deveriam estar na pesquisa ou que não interessariam aos participantes da pesquisa. Antes do trabalho ser enviado para a banca de avaliação ou ser postado envie a parte escrita, fotografias e colagens utilizadas no trabalho e o filme para todos os artistas, deixando claro que se tivesse algo que não os agradou eu poderia modificar, acrescentar ou retirar. No caso, Bobby pediu para eu acrescentar falas dele, e me deu dicas de coisas que eu poderia modificar. Tudo só foi enviado e postado depois da aprovação dos artistas.

Larissa Fontes (2023) que é antropóloga e jornalista aponta para a diferença do fazer imagem na antropologia, e como a dimensão do sensível é importante e que precisa ser levada em consideração nas análises antropológicas. Produzir imagem na antropologia, seja ela em desenho, filme ou fotografia, é produzir ciência mas também arte. Se na escrita etnográfica a sensibilidade é um ponto muito importante, na produção artística-científica não apenas a teoria e metodologia vão nos guiar, mas no mesmo grau de importância, a sensibilidade e o afeto comandam a produção. Andrea Barbosa (2016) nos mostra como essa dimensão da técnica, da estética e do afeto é indissociável, produzir arte, mesmo que com a ciência por trás, ainda é uma expressão artística e sensível de nós mesmos, pesquisadores e pesquisadoras, e dos nossos interlocutores.

Estávamos atentos e dispostos a enfrentar as fotografias como uma forma de expressão na qual a técnica e estética são indissociáveis. Tudo isso com uma boa dose de afeto presente no ato de fotografar, no ato de espreitar as imagens suas e dos outros, no ato de mostrar as fotografias para os parentes, colegas, vizinhos. Uma abertura ao que a imagem poderia oferecer, provocar, fazer ver, fazer falar, fazer sentir. O afeto por sua vez abria espaço para a imaginação. (Barbosa, 2016, pág. 196)

Meu objetivo com os artistas de sinal, desde o começo, era compartilhar o máximo possível do processo de produção de imagens. Claro que nem todo interlocutor terá interesse nisso, já que também é um trabalho, que deve ser referenciado na escrita e nos créditos finais. Fui dirigida por todos os artistas com sugestões, a qual acatei grande parte, de posições para foto, de onde eu deveria filmar, como eu deveria fazer imagens, sugestões de trajetos e takes. Bobby foi muito ativo nesta parte e dividi os créditos de direção de imagem com ele no filme. Para isso, abri o diálogo, sempre dizendo o quanto eu estava aberta a interferências, retirar ou adicionar uma imagem por exemplo. Não consegui compartilhar a edição do filme, porque já havia terminado o campo e já estava

em outro Estado, mas quando ele solicitou a inserção de falas dele assim eu o fiz. Sei que como pesquisadores temos a liberdade e a autoria do nosso trabalho, mas meu objetivo desde o início era conseguir compartilhar o máximo que eu conseguisse do processo criativo e de produção.

Carmen Rial (2014) mostra como a restituição é um processo fundamental na pesquisa etnográfica. As imagens conseguem atravessar os muros acadêmicos chegando mais rápido aos interlocutores e a sociedade em geral. As imagens feitas em campo foram vistas pelos interlocutores, diferente do trabalho escrito, que por muitas vezes não é lido. Ao postar as imagens em redes sociais, ou em plataformas digitais, elas podem circular através das redes, provocando debates, questionamentos e até tensões.

Claro que existem dificuldades, produzir imagens no audiovisual requer equipamentos, não só uma câmera, como um computador que suporte os programas de edição de imagem, que tendem a ser muito pesados. Aprendemos a mexer em editor de vídeo, em editor de imagens, estudamos sobre cor, semiótica e, para quem tem interesse em se aprofundar mais, também estudamos cinema e produção. É preciso aprender a mexer no equipamento, quando temos um equipamento à disposição. Na minha experiência como uma aluna cotista, com pouco acesso a equipamento, a dinheiro e cursos, o caminho foi (e é) árduo. Sabemos que equipamentos para produção audiovisual são caros e muitas universidades não têm laboratórios ou equipamentos disponíveis para o uso dos alunos. No trabalho de conclusão de curso utilizei do celular para fazer o filme, na dissertação uma *handcam* que consegui com o laboratório de Antropologia Visual da universidade. A precarização existe e rodeia quem não tem os mesmos acessos.

Na rua com a câmera na mão!

Não achei que seria desafiador segurar uma câmera, apontar para algo e gravar. Em minha primeira experiência com meu celular, no trem, enquanto mc's rimavam pelos vagões eu era mais uma pessoa ali segurando um celular e gravando os artistas rimar. Sempre eram mais de 3 mc's junto comigo, era difícil filmar com uma mão e me equilibrar com a outra, mas não me sentia tão intimidada filmando, afinal, era um celular, todos usam celular para fazer registros hoje em dia. Na dissertação, com artistas de sinal, fazendo pesquisa de campo efetivamente na rua, na frente do público-máquina e com uma

handcam na mão tudo mudou. Ao me posicionar no palco zebrado, não eram apenas os artistas que estavam sendo vistos, eu também estava sendo vista, e não segurando um caderno fazendo anotações, ou desenhando coisas que ninguém sabe, mas sim gravando, e todos sabiam o que eu estava fazendo ali! “É para a TV?” ouvi algumas vezes.



Figura 2- Eu de costas para o público-máquina filmando Priscilla

Estar com uma câmera na mão na rua é estar sendo vista. Quando estou fazendo anotações em meu caderno eu posso estar escrevendo sobre qualquer coisa, desenhando, rabiscando, mas com a câmera é visível para onde está apontado nosso olhar. Ficar de frente aos carros me dava medo, medo de não saber o que estava acontecendo por trás de mim, medo de estar sendo julgada, vigiada. Mas, ao longo das visitas ao sinal isso foi passando. Ao invés de ficar em apenas uma posição, consegui me movimentar mais, arriscar mais. Em primeiro momento sempre deixava a câmera guardada na mochila por medo de assaltos, mas as coisas na rua acontecem muito rápido, e até eu pegar a câmera, ligar e apontar o que eu queria registrar passou. Então passei a deixar a câmera com um acesso mais fácil para apenas abrir a lente e gravar.

Percebi depois de um tempo o quanto os artistas tinham relações de respeito na rua, me sentia muito segura quando estava com eles, deixava minha mochila junto com a

deles, e não sentia tanto receio em estar com a câmera na rua. Recomendo o uso de uma câmera pequena se for fazer trabalho de campo só, sem nenhum apoio de equipe. Uma câmera menor chama menos atenção, é mais leve para gravações de câmera na mão, e possibilita uma maior mobilidade de movimentos de câmera. Isso contando que você irá para campo com apenas uma câmera.

Os artistas construíram suas apresentações em menos de um minuto, para sobrar tempo para passar entre os carros e recolher a contribuição voluntária. Por acontecer tudo de forma rápida e cronometrada sempre escolhia posicionamentos de câmera e movimentações de corpo que não atrapalhasse os artistas, não gostaria que errassem algum movimento. O zoom, nesse caso, foi um aliado para filmar detalhes de ritmos e movimentos, mas nem sempre o uso do zoom é indicado, é sempre importante levar em consideração se quem está sendo filmado ou fotografado sabe disso. Assim como os artistas precisavam lidar com interferências externas, pedestres passando, carros parando em cima do palco, eu como antropóloga cineasta precisei lidar com isso também. Seja por pessoas passando em frente à câmera, fazendo gestos ou falas, ou com as interferências dos barulhos da cidade, que resolvi utilizar como material de áudio.

Algumas considerações finais e aprendizados.

Por fim, a câmera foi uma aliada em campo e as imagens foram fundamentais para a construção do trabalho escrito. Mas, só a câmera não foi suficiente, precisei do caderno de campo, dos desenhos e rabiscos feitos e das imagens. Como artista, além de antropóloga, produzir no audiovisual é além do fazer ciência, é minha forma de expressar tudo que aprendi, o que penso, meu olhar e minhas subjetividades como pesquisadora. É a forma de expressar a teoria e posicionamentos políticos através de diversas linguagens visuais, que trazem em si mesmas suas próprias subjetividades ao serem observadas e analisadas por outras pessoas.

Abrir as fronteiras do compartilhamento através da arte é conseguir atravessar uma ponte entre o fazer científico e os nossos interlocutores e colaboradores. A expressão artística pode enriquecer o diálogo com a sociedade, que pode consumir nossos trabalhos científicos através de outra comunicação que não a escrita. Podemos conhecer mais profundamente nossos colaboradores a partir da abertura que o fazer arte trás dentro do

campo. Para onde eles apontam a câmera? Para onde nos guiam a lente? Quais recortes os agrada ou não? Trazer o afeto, a estética, a experimentação artística para a pesquisa científica é também permitir que o pesquisador ou pesquisadora se abra para a sensibilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Adrea (org.). Fotografia, narrativa e experiência. In: BARBOSA, Andrea *et al* (org.). **A experiência da imagem na etnografia**. São Paulo: Terceiro Nome, 2016. Cap. 2. p. 191-203.

BRITTO, F. D., & Jacques, P. B. (2008). Cenografias e corpografias urbanas: um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade. *Cadernos PPG-AU/FAUFBA*, 7(2). Recuperado de <https://periodicos.ufba.br/index.php/ppgau/article/view/2648>

CEZAR, Lilian Sagio. Filme etnográfico por David MacDougall. **Cadernos de Campo (São Paulo, 1991)**, [S.L.], v. 16, n. 16, p. 179-188, 30 mar. 2007. Universidade de Sao Paulo, Agencia USP de Gestao da Informacao Academica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v16i16p179-188>.

FONTES, Larissa. A fotoetnografia entre a ciência e o sensível. **Mundaú**, Recife, v. 14, n. 1, p. 41-55, dez. 2023.

NOVAES, Sylvia Caiuby. A construção de imagens na pesquisa de campo. **Illuminuras**, Porto Alegre, v. 13, n. 31, p. 11-29, jul./dez. 2012.

RIAL, Carmem Silvia de Moraes. Roubar a alma: ou as dificuldades de restituição. **Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia**, Pelotas, v. 2, n. 2, p. 201-212, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/tessituras/article/view/4879/3768>. Acesso em: 18 jan. 2023.

SAMAIN, Etienne. "Ver" e "Dizer" na Tradição Etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 2, p.23-60, 1995.